

CAPOEIRA

MEU CASUÁ V1

SENZALA PASSADO FUTURO
PRESENTE
MESTRE BEIJA-FLOR

INDEX

| | |
|--|--|
| Nasce Gilberto Quini..... | |
| Um projeto chamado capoeira | |
| Uma síntese: contra a apropriação da capoeira | |
| Formatura..... | |
| O trânsito para a Europa: o Beija-flor bate asas | |
| Método pedagógico de ensino | |
| Conflito no aprendizado..... | |
| Conclusões: mestre Beija-flor | |
| A senzala de santos..... | |
| Vozes da senzala?..... | |
| Mestre Benedito do Santos..... | |
| Diálogos com o mestre Beija-flor | |
| Certificação da prática e do ensino na europa | |
| Referências bibliográficas | |

Autor: Gilberto Quini.

Design da capa: M. Teresa Drault.

Fotos: Adimilson.

Ilustrações: Gilberto Quini.

Revisão: Isabel Nascimento.

Arquivo: Capoeira Paname.

Autor: Gilberto Quini

Design da Capa e ilustrações: M. Teresa Drault

ISBN:

1° edição: fevereiro 2022

© <Gilberto Quini>

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou parte. por qualquer processo eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia escrita do autor.

O PRIMEIRO VOO DO BEIJA-FLORES



Porto de Santos, fotos autor desconhecido, acervo Memorial do Imigrante (acesso: 2/3/2013).

Às dezessete horas e trinta minutos do dia dezesseis de julho do ano de mil novecentos e setenta e seis.

Entre a procura de uma ocupação para os jovens adolescentes. Um senhor, que tinha no seu semblante uma alegria, talvez por ter a certeza de estar certo, de ter encontrado, e achado a solução do que procurava para o seu acompanhante, que depois fiquei sabendo que aquele jovem era seu irmão, e (ao procurar) por meio da prática esportiva cultural passaria a ter uma formação social que o orgulhasse.

As informações respondidas. Inscrição feita, e recebendo o número de matrícula 127. E neste mesmo dia começou nos treinamentos. Em todas as conversas com o seu irmão Guilherme Quini Neto, eu já com o conhecimento do seu nome, Gilberto Quini, calado estava, calado ficou, direcionei aquele jovem ao vestiário para que o mesmo se trocasse para dar início aos treinamentos. Como não era um horário de início de aula com todos, só iniciamos as 19H30 e passei uns movimentos para ele ir praticando até a hora com os demais alunos.

Notamos que era um jovem muito dedicado e atencioso o que fez a ter confiança de todos que ali treinavam.

Passando por todos os estágios no decorrer dos tempos, para seu aprendizado. Sempre se destacando. Os títulos ganhos não o pensam diferente, a cada conquista o fazia ser mais dedicado. Foi o segundo Contramestre, e um líder, que nas ausências do Mestre ele assumia e tinha a confiança do Mestre e dos alunos. Com grande destaque nos festivais, não só na Baixada Santista como no Estado de São Paulo, ganhando várias medalhas. Até os dias de hoje continua com a mesma humildade de Mestre lutador pelas causas.

Roberto Telles de Oliveira
Mestre Sombra Fundador da Senzala de Santos.



NASCE GILBERTO QUINI...

O sobrenome Chini vem do meu avô Guilherme. No Brasil ao fazer o registro de nascimento do meu Pai, houve um erro de autografia. Deveria ser escrito com CH, porque em italiano se pronuncia com som de Q, assim os descendentes do meu pai passaram a escrever com Q. Meus avós permanecerão com CH.

Eu vou aqui contar um pouco da minha vida. Para mim a aventura começa no estado de São Paulo, em Ribeirão Preto, onde nasci no dia 22 de setembro de 1959. Mas isso é controverso pois há uma segunda versão contada por minha mãe Rosa Francisco de Oliveira, que é diferente da do meu pai Osvaldo Quini já falecido, que diz que eu nasci no dia 7 de setembro de 1958 e que só fui registrado em 22/09/59. O fato é que não morávamos próximo à cidade onde havia o cartório e por dificuldade de transporte na época, o meu registro se fez um ano depois.

Devido a esse atraso deveria de pagar uma multa pois a certidão teria de ser feita obrigatoriamente no correr de três meses após o nascimento. Dessa forma por dificuldade financeira da família, houve esse erro, o qual eu só tomei conhecimento

já adulto.

Nós éramos uma família muito simples, como todas da época. O núcleo era formado por 4 filhos, 3 homens e uma menina. Seu nome era Rosa Quini a mais velha, depois sucessivamente, Guilherme Quini Neto, o mais velho dos homens, Mario Batista Quini e eu Gilberto Quini, o caçula. Da parte da minha mãe tenho mais 2 irmãos, Martinho Francisco de Mattos e Aparecido Francisco de Oliveira. Meus pais se separaram quando eu ainda tinha apenas três anos de idade. Minha mãe pediu o divórcio e foi embora para a capital de São Paulo. Então eu e meus irmãos fomos morar com meus avós paternos: O sr. Guilherme Chini e Sra. Virginia Cose Chini. Quando fiz os meus 6 anos de idade, meu pai nos levou para morar com ele e com a nossa madrasta que se chamava Nina. Mudamos para a cidade de Garça no estado de São Paulo. Meu pai alugou um pequeno sítio que tinha apenas uma casinha feita de barro e sapê.

A vida era difícil: não tínhamos água encanada nem eletricidade. A água íamos



Sra. Rosa Francisco De Oliveira Quini.

buscar no riacho que passava dentro do sítio. Nina, nossa madrasta, não tinha mais de 20 anos de idade, e já estava grávida. Logo que chegamos cidade de Garça S.P. a criança nasceu. Era uma menina que meu pai e Nina chamaram de Úrsula. A família de Nina tinha costume de oferecer um pintinho quando nascia alguém na família. Assim fizeram com Úrsula. Um costume interessante que eu

vivenciei pela primeira vez na minha infância.

O fato que algo veio acontecer meses mais tarde: Úrsula já ia no correr do seu terceiro mês de vida, e o pintinho havia crescido e parecia uma galinha da raça índia, muito bonita que chamava atenção de todos da família. Nina era uma mãe exemplar e apaixonada pela pequena Úrsula, para quem sempre dirigia o olhar de mãe coruja, e que dividia com o pintinho que se transformara em uma galinha índia. Os tempos foi passando e percebemos que o pintinho que parecia galinha, começou a ter comportamento de um pequeno galo. Meu irmão mais velho Guilherme costumava falar: “Isso não vai prestar em nada... essa galinha disfarçada de galo, vai dar problema no galinheiro... no terreiro só pode ter um Galo”. Eu não entendia nada do que ele queria dizer.

Porém eu fiquei intrigado, que uma galinha se transformasse em galo. Quando Úrsula já ia para o seu quinto mês de nascida a galinha já havia se transformado completamente em um senhor galo índio de briga. E se transformou em dono do terreiro. Ele brigou com o antigo galo até conseguir matá-lo, em uma briga considerada por todos como justa, e que até hoje se conserva como método de solução das disputas do poder entre os galos da região. O vencedor deu uma esporada no papo do adversário, e o coitado e lá se foi...

Nina que assistiu tudo disse: “Melhor assim, agora o Galo da Úrsula que manda no terreiro, e domingo vamos comer galo na panela com macarronada”. Foi um domingo diferente, pois no almoço comemos o galo que havia perdido a disputa. Esse episódio ficou gravado em mim como um mistério, bem como o desenrolar dos fatos que se seguiram e que eu e a minha família vivemos. Úrsula já passava do sexto mês, quase completando o sétimo mês de idade. Ela adoeceu do nada. Nina e meu pai correram para o médico com a pequena, os médicos analisaram e deram remédios. Meu pai e Nina voltaram para casa com uma expressão de cansados e tristes de tal susto que tinham passado. Se falaram muito pouco e nos mandou deitar mais cedo.

A noite já caía, quando começou a chover e o vento soprava forte. Parecia que nossa casinha de sapê ia ser carregada. Eu acabei dormindo, e quando acordei, meu pai e Nina tinham saído mais uma vez para o hospital, com a Úrsula, que havia tido durante a noite uma crise respiratória, segundo meu irmão Guilherme. Já era quase a hora do almoço quando meu pai e Nina chegavam de volta. Choravam e estavam inconsoláveis de tanta tristeza: a nossa irmãzinha Úrsula tinha falecido. Nós ficamos chocados pela notícia. Eu me lembro que saí a procura do galo da pequena Úrsula, acho que como forma de encontrar um pouco de conforto naquela situação. Procurei nos lugares que ele tinha costume de ficar e não encontrei. Então falei ao meu irmão Guilherme, que o galo tinha sumido, não se encontrava no terreiro e em nenhum lugar da vizinhança. Nina quando soube que o galo tinha desaparecido, se pôs a chorar.

Então todos nós saímos a procura do galo. Porém o dia passa e nada de encontrar o galo. Já no final da tarde meu irmão Marinho (Mário), nos chama para ver o que tinha acontecido. Ele acabava de achar o galo morto dentro de uma grande caixa de madeira onde guardávamos as ferramentas. O galo tinha caído dentro da caixa e foi perfurado pela forca, instrumento que usávamos para virar o capim.



Sr. Oswaldo Quini.

Nina entrou em depressão, ficando muito abalada e não aceitou continuar morando naquela propriedade. Meu pai então nos levou para Rio Preto, onde residia a família de Nina. Vivendo nessa nova cidade, tudo se passou muito rápido. Nina tornou-se muito sensível e por qualquer motivo entrava em crises e chorava muito. Eu recorro de um dia de sábado que meu pai nos reuniu, os quatro irmãos, e disse que iríamos retornar a Garça e que a Nina não viria conosco. Nós ficamos em Garça até os meus 9 anos de idade.

Nesse período minha irmã Rosa se casou com um rapaz chamado Luiz e foi morar em outra casa. Foi quando meu pai nos levou de volta para Ribeirão Preto, a cidade onde nasci, por não ter quem cuidasse de mim. Fomos para a casa dos meus avós, pais do meu pai no bairro Vila Blanche. Em pouco tempo nos mudamos para o bairro de São Pedro. E foi nesse lugar que pela primeira vez eu ouvi o nome da Capoeira. Sebastião, conhecido mais como Tião Capoeira, era o filho do meu tio avo Sabatino Chini. Tião e o seu irmão José Carlos, já crescidos adultos